

*[Texto enviado para os participantes do encontro do dia 30/08/2019, promovido pelo projeto Cinema, Sujeitos e Territórios.]*

\*\*\*\*\*

No encontro da sexta passada fizemos um texto coletivo!

Algumas palavras para contextualizar: o encontro tomou como ponto de partida a frase “escuta sensível da alteridade”, que compõe parte do título de um texto do Eduardo Coutinho – “O Cinema Documentário e a escuta sensível de alteridade”. A conversa em torno desses três termos criou algumas relações entre cinema, sujeitos e territórios: contemplação de uma obra como forma de contato com o outro; arte como forma de criar territórios; articulações entre expressão artística e afirmação do sujeito. Caminhando por alguns exemplos de como esses eixos se manifestavam, citamos as fotografias narradas inventadas que fizemos no fim do semestre passado e que ainda não tínhamos tido tempo de assistir. Resolvemos revisitar essas fotografias e, finalmente, assisti-las.

Uma proposta entrou na roda: cada um ficaria com uma folha e caneta e iria fazendo uma escrita mobilizada pelas fotografias narradas. Podia escrever palavras, frases, parágrafos... no fim, compartilhamos o que cada um havia feito. Depois, sem objetivos, sem linhas temáticas, sem estrutura definida, só fomos juntando as coisas que interessavam. Pensamos relações entre nossos diferentes trechos, e então recortamos e colamos em uma nova folha. Muito do material escrito nem chegou a parar nesse texto final. Duas coisas a destacar: 1, a imensa relação com o processo de montagem que teve a construção desse texto coletivo, e 2, como um modo característico de fazer-cinema dialoga também com outras artes e formas de expressão. No início do encontro, chegamos até a conversar sobre documentários que são feitos “no processo”: o documentarista chega com uma câmera e promove um encontro, e as imagens e sons do filme são resultados desses encontros. Por serem materiais audiovisuais feitos na alteridade e abertos para o que o real oferece, eles são sempre singulares: irreprodutíveis. Fizemos o mesmo com o texto coletivo. Um texto que se torna texto depois

de feito, um texto que já não é só a transposição de algo que pré-existe à sua própria produção; enfim, um texto de encontro. Ficou assim (também na imagem em anexo):

Um novo ente que molda as relações familiares, ou altera os hábitos de uma casa, suas convenções e altera sua sensibilidade. Lembrança daquilo que veio para a vida. “A família toda reunida para receber ela!” Com um sorriso no rosto, estavam prontos para serem presenteados. Encontros que trazem solidão. Auto-encontro. A solidão em um círculo em uma foto quadrada. Rindo de nervoso. A procura por si passa por encontros e desencontros. Às vezes se tira uma foto do vazio. “A foto pode até apagar, mas ela está dentro de mim”. Ser afetada. Registro. Dúvida. Achada e perdida na curiosidade. Desconheço a viagem à française. A ficção te leva para lugares físicos, geográficos improváveis. A curiosidade é o ponto de partida. De repente alguém escreve um livro e muda uma paisagem, a torna um lugar. Buscar o desconhecido é cômico. Peregrino (agosto, 2019).

**Nos vemos sexta, 06/09, na sala Interartes do IACS! Tem evento no facebook com todas as datas também.**

Abraços :)